

IASAÚDE VAI APRESENTAR TRABALHO FEITO NA ÁREA DO CONTROLO DO AEDES AEGYPTI

ANA LUÍSA CORREIA
acorreia@dnoticias.pt

A Região, através do Instituto de Administração da Saúde (IASAÚDE), vai estar em destaque na próxima semana, em Estocolmo, na reunião anual dos estados-membros do ECDC - European Centre for Disease Prevention and Control. Segundo Bruna Gouveia, vice-presidente do conselho directivo do IASAÚDE, o convite foi feito directamente por aquele organismo europeu no sentido da Região apresentar o que tem sido feito em termos da prevenção e controlo do mosquito *Aedes aegypti* e surge na sequência da vinda dos técnicos do ECDC à Madeira em Abril último.

Segundo explica ao DIÁRIO, a ligação entre IASAÚDE E ECDC está reforçada desde que foi declarado o surto de dengue na Madeira, em Outubro de 2012. Nessa altura, e ao longo de cerca de 6 meses (o surto foi declarado oficialmente controlado a 3 de Março de 2013), houve 2.167 casos prováveis de dengue e 1.080 casos laboratorialmente comprovados), criou-se uma ligação estreita com o ECDC. “Fizeram uma visita técnica e deram orientações, o que foi muito bom na altura”, recorda.

De qualquer forma, mesmo não havendo registos de surtos ou casos autóctones de dengue na Madeira, as autoridades não baixaram os braços. “Durante estes anos constituímos o nosso sistema de vigilância entomológica e epidemiológica, tendo em conta as directrizes internacionais”, ex-

plica. A estrutura criada pelas autoridades regionais, que tem vindo a crescer gradualmente, de ano para ano, sobretudo em termos de monitorização, permite que a Região tenha hoje “um manancial de informação do vector como não existe”, um historial vasto de dados, rigorosos e fidedignos que dão informações sobre a realidade regional mas que permitem tirar ilações sobre o comportamento do mosquito e sobre formas possíveis de o controlar. “Mas não é só isso. Ao mesmo tempo, temos um sistema de vigilância epidemiológica implementado e temos acompanhado casos que possam ser importados. Estamos preparados para dar uma resposta e temos vindo a dar a resposta necessária para evitar que novos surtos aconteçam”, salienta

Este manancial de informação foi já partilhado com alguns técnicos do ECDC que, em Abril último, vieram à Madeira a convite do IASAÚDE. Ao longo de uma semana de trabalho foram partilhados dados recolhidos, trabalhos realizados e produzido um relatório final conjunto. A entidade europeia parece ter ficado satisfeita com o trabalho realizado na Região, porque agora o convite surgiu por parte do ECDC para que o IASAÚDE apresente uma súmula do que tem vindo a ser realizado, na reunião anual daquela instituição que versará o tema das doenças emergentes e transmitidas por vectores. “O convite foi directamente dirigido pelo ECDC para que pudéssemos apresentar estes dados e mesmo a capacidade instituída na Região, o nosso sistema de informação e o que estamos a trabalhar”, adianta. “É um reconhecimento do trabalho realizado e uma oportunidade para contri-

buir para o conhecimento nesta área, porque o trabalho realizado aqui serve para o mundo. A Madeira é um laboratório.”

Trabalho a vários níveis

Afinal, como é que a Madeira tem vindo a reduzir o risco de um novo surto de dengue? “Controlando, tendo uma resposta efectiva, e diminuindo a população de mosquito.”, explica Bruna Gouveia. “Assim, nós conseguimos ter um menor risco de propagação”.

A verdade é que a Região, e nomeadamente o IASAÚDE, tem um histórico de muitos anos sobre o *Aedes aegypti*. “A monitorização começou desde que o mosquito foi identificado [Outono de 2005] e temos uma rede consistente de monitorização”, refere a vice-presidente do IASAÚDE. “Temos muitos dados que apresentamos em boletins semanais, mas que podemos olhar de forma analítica, identificando padrões, níveis de risco e diferenças com significado estatístico na população de mosquito, o que noutros sítios não se consegue fazer. Há muito mais conhecimento que se pode retirar destes boletins. Isto é interessante para nós e interessante para estruturas internacionais.”

Neste momento, diz ainda, o objectivo passa por ter um modelo integrado de vigilância entomológica e epidemiológica. “O surto aconteceu com um pico de população. Depois conseguimos baixar e manter e é isso que se pretende”, sublinha.

Além disso, há outro aspecto a relevar. “Estamos a defender uma coisa muito importante no controlo vectorial. Em termos de intervenção, não utilizamos controlo química, utilizamos controlo fi-

sicó e ambiental: eliminamos criadouros. Desta forma estamos a mostrar a eficácia deste tipo de intervenção, que é também comunitária, com a colaboração da população. É muito importante que as medidas de controlo vectorial já façam parte do dia a dia da comunidade.”

Bruna Gouveia diz que a evidência de outros locais mostra que quando não há surtos, as pessoas descuidam o cuidado com a eliminação dos criadouros. “Mas aqui não. Temos feito sempre campanhas para manter as pessoas alerta e sensíveis ao problema e temos conseguido essa colaboração.”

A vice-presidente do IASAUDE refere ainda que este trabalho com o *Aedes aegypti* tem sido contínuo, não só em termos de intervenção, mas também de controlo. “O controle vectorial é uma das medidas que temos para controlar doenças”, recorda, sobretudo numa fase em que já há *Aedes albopictus* no Norte do país e no Algarve e que há mais arboviroses que têm vindo a surgir. “É preciso nunca baixar os braços”, alerta.

MOSQUITO ‘CONFINADO’ À COSTA SUL

■ Por forma a ter noção sobre a população de mosquito, existe uma rede de monitorização em toda a Madeira e Porto Santo constituída por armadilhas para ovos e mosquitos adultos. Neste momento existem 193 ovitraps (para ovos) e 26 BG traps (mosquitos adultos), sendo que no Funchal, 28 das ovitraps existentes são ‘controladas’ por técnicos do Museu de História Natural. As restantes são analisadas por téc-

nicos do IASAUDE em colaboração com as autarquias locais. Estas armadilhas são fundamentais para que se detecte onde o mosquito está fixado e qual a sua densidade populacional. Neste momento, embora existam armadilhas em todas a Região, incluindo no Porto Santo, não há positividade em todo o território. Ou seja, o *Aedes aegypti* continua a ‘existir’ apenas na costa Sul: Funchal, Santa Cruz, Câmara de Lobos e Ribeira Brava. “Já aconte-

ceu pontualmente alguma positividade na costa Norte, mas não se manteve”, explica Bruna Gouveia. “Quando há uma positividade num lugar novo, reforçamos as medidas, fazemos no local prospecção de deslocação do mosquito e uma monitorização mais apertada. Mas não tem sido confirmado, o que significa que o mosquito é transportado até ao local, mas não consegue ter condições favoráveis para se fixar no local.”



Madeira apresenta trabalho desenvolvido no combate ao *Aedes aegypti* na reunião que terá lugar em Estocolmo.